

## USO DE ANTICONCEPCIONAIS HORMONAIS (ACH) POR MULHERES EM UMA FARMÁCIA COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE JAGUARUANA-CE

Recebido em: 10/04/2023

Aceito em: 11/05/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i4.2023-029

Ruciana Costa Oliveira <sup>1</sup>  
Francisco Wanderlei Lima Silva <sup>2</sup>  
Anielle Torres de Melo <sup>3</sup>  
Lucimary Leite de Pinho <sup>4</sup>  
José Damião da Silva Filho <sup>5</sup>  
David Levy Melo Monteiro <sup>6</sup>  
Ana Caroline Rocha de Melo Leite <sup>7</sup>  
Maria Clara Costa Moreira <sup>8</sup>  
Lílian Karla de Nojosa Rodrigues <sup>9</sup>  
Wilcylane Francisca Carneiro dos Santos <sup>10</sup>  
Walber Mendes Linard <sup>11</sup>  
Ana Karenina de Souza Gondim Pedrosa <sup>12</sup>  
Rodolfo de Melo Nunes <sup>13</sup>

**RESUMO:** As mulheres em todo o mundo utilizam algum método contraceptivo. No Brasil, o uso de medicamentos para evitar a gravidez tem evoluído consideravelmente ao longo do tempo. Os anticoncepcionais hormonais (ACHs) apresentam outros benefícios além da prevenção da gravidez, sendo essencial que as mulheres tenham conhecimento sobre seus benefícios e possíveis efeitos colaterais. O estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento das mulheres quanto ao uso correto dos ACHs em uma farmácia comunitária no município de Jaguaruana-Ce. Método: Tratou-se de um estudo descritivo,

<sup>1</sup> Graduada em Farmácia pelo Centro Universitário do Vale do Jaguaribe (UNIJAGUARIBE).

E-mail: [ruciana@fvj.br](mailto:ruciana@fvj.br)

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Farmacologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: [wanderlei.lima@fvj.br](mailto:wanderlei.lima@fvj.br)

<sup>3</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Farmacologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: [anielle.torres@fvj.br](mailto:anielle.torres@fvj.br)

<sup>4</sup> Graduanda de Farmácia do Centro Universitário Fametro.

E-mail: [lucimary.pinho@aluno.unifametro.edu.br](mailto:lucimary.pinho@aluno.unifametro.edu.br)

<sup>5</sup> Doutorando em Saúde Pública pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [jdsf\\_junior@hotmail.com](mailto:jdsf_junior@hotmail.com)

<sup>6</sup> Graduando de Farmácia do Centro Universitário Fametro. E-mail: [davidlevime-lo5@gmail.com](mailto:davidlevime-lo5@gmail.com)

<sup>7</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: [acarolmelo@unilab.edu.br](mailto:acarolmelo@unilab.edu.br)

<sup>8</sup> Graduanda em Farmácia pelo Centro Universitário Fametro.

E-mail: [ma-ria.moreira@aluno.unifametro.edu.br](mailto:ma-ria.moreira@aluno.unifametro.edu.br)

<sup>9</sup> Graduanda de Enfermagem pelo Centro Universitário Fametro. E-mail: [karlanojosa@gmail.com](mailto:karlanojosa@gmail.com)

<sup>10</sup> Graduanda em Farmácia pelo Centro Universitário Fametro.

E-mail: [wilcylanne.santos@aluno.unifametro.edu.br](mailto:wilcylanne.santos@aluno.unifametro.edu.br)

<sup>11</sup> Especialista em Gestão Pública em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará e Farmacêutico da Prefeitura Municipal de Maracanaú. E-mail: [walberlinard@hotmail.com](mailto:walberlinard@hotmail.com)

<sup>12</sup> Especialista em Hematologia Clínica pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [anakarenina@fvj.br](mailto:anakarenina@fvj.br)

<sup>13</sup> Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro Universitário do Vale do Jaguaribe (UNIJAGUARIBE) e Fametro.

E-mail: [rodolfo.nunes@professor.unifametro.edu.br](mailto:rodolfo.nunes@professor.unifametro.edu.br)

transversal e observacional, com uma abordagem quantitativa, através de questionário aplicado às pacientes no momento da compra do medicamento. A pesquisa ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2019, com mulheres entre 18 e 55 anos de idade. Resultados: O estudo teve predomínio de mulheres entre 18 e 29 anos no total de 29 (48%). A maior parte delas, 43 (72%), tinha preferência por anticoncepcionais orais. Quanto à escolaridade, 35 (85%) tinham nível médio completo. O profissional com maior número de indicações ao uso dos ACHs foi o enfermeiro 23 (38%). 41 (68%) das mulheres declararam ter recebido orientação do uso, 49 (81%) afirmaram usá-lo para contracepção e 21 (35%) como método há mais de 5 anos. Sobre a pílula do dia seguinte, 36 (60%) delas nunca fizeram uso, 30 (50%) não conheciam o tempo máximo de eficácia e 49 (82%) não sabiam suas contraindicações. Conclusão: Nota-se que se faz necessário a atuação do Farmacêutico na avaliação e orientação quanto ao uso correto dos ACHs, garantindo assim o uso racional e maior eficácia do método.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contracepção; Anticoncepcional Hormonal (ACH); Gravidez; Farmacêutico.

### USE OF HORMONAL CONTRACEPTIVES (HC) BY WOMEN IN A COMMUNITY PHARMACY IN THE CITY OF JAGUARUANA-CE

**ABSTRACT:** Women worldwide use some form of contraceptive method. In Brazil, the use of medication to prevent pregnancy has evolved considerably over time. Hormonal contraceptives have other benefits besides pregnancy prevention, and it is essential that women have knowledge about their benefits and potential side effects. The study aimed to evaluate women's knowledge on the correct use of ACHs in a community pharmacy in the city of Jaguaruana-Ce. Method: This was a descriptive, cross-sectional, and observational study with a quantitative approach through a questionnaire applied to patients at the time of purchase of the drug. The survey took place between September and October 2019 with women between 18 and 55 years old. Results: The study had a predominance of women between 18 and 29 years in a total of 29 (48%), most of them, 43 (72%), had preference for oral contraceptives. As for education, 35 (85%) had completed high school. The professional with the highest number of indications for the use of ACHs was nurse 23 (38%). Forty-one (68%) women reported having received use guidance, 49 (81%) reported using it for contraception and 21 (35%) as a method for more than 5 years. Regarding the morning-after pill, 36 (60%) of them never used it, 30 (50%) did not know the maximum efficacy time and 49 (82%) did not know its contraindications. Conclusion: It is noted that it's necessary to consult a pharmacist for the evaluation and guidance regarding the correct use of ACHs, thus ensuring the rational use and greater effectiveness of the method.

**KEYWORDS:** Contraception; Hormonal Contraceptive (HC); Pregnancy; Pharmacist.

### USO DE ANTICONCEPTIVOS HORMONALES (ACH) POR PARTE DE MUJERES EN UNA FARMACIA COMUNITARIA DE LA CIUDAD DE JAGUARUANA-CE

**RESUMEN:** Las mujeres en todo el mundo utilizan algún método anticonceptivo. En Brasil, el uso de medicamentos para evitar el embarazo ha evolucionado considerablemente con el tiempo. Los anticonceptivos hormonales (ACH) presentan otros beneficios además de prevenir el embarazo, por lo que es esencial que las mujeres conozcan sus beneficios y posibles efectos secundarios. El estudio tuvo como objetivo evaluar el conocimiento de las mujeres sobre el uso correcto de ACH en una farmacia

comunitaria en la ciudad de Jaguaruana-Ce. Método: Este fue un estudio descriptivo, transversal y observacional, con enfoque cuantitativo, a través de un cuestionario aplicado a los pacientes en el momento de la compra del medicamento. La encuesta se realizó entre septiembre y octubre de 2019 con mujeres de entre 18 y 55 años. Resultados: El estudio tuvo un predominio de mujeres entre 18 y 29 años en un total de 29 (48%), la mayoría de ellas 43 (72%) tenían preferencia por los anticonceptivos orales. En cuanto a la educación, 35 (85%) habían terminado la escuela secundaria. El profesional con mayor número de indicaciones para el uso de ACH fue el enfermero 23 (38%). 41 (68%) de las mujeres manifestaron haber recibido orientación sobre su uso, 49 (81%) manifestaron que lo habían utilizado como método anticonceptivo y 21 (35%) como método durante más de 5 años. En cuanto a la píldora del día después, 36 (60%) de ellos nunca la habían usado, 30 (50%) desconocían el tiempo máximo de efectividad y 49 (82%) desconocían sus contraindicaciones. Conclusión: Se constata que es necesaria la actuación del Farmacéutico, en la evaluación y orientación en cuanto al correcto uso de los ACH, garantizando así el uso racional y mayor efectividad del método.

**PALABRAS CLAVE:** Anticoncepción; Anticonceptivo Hormonal (ACH); El embarazo; Farmacéutico.

## 1. INTRODUÇÃO

A anticoncepção é um termo utilizado para descrever a prevenção temporária de uma gravidez. Essa prática é exercida abundantemente por mulheres no mundo todo. No Brasil, o uso de medicamentos como método de escolha para a anticoncepção tem tido seu avanço observado fortemente no decorrer de vários anos, o que resultou em 80,6% de grupos de mulheres na faixa etária entre 15 e 44 anos de idade em 2006. O mesmo estudo relata que os métodos responsáveis por mais de dois terços da contracepção realizados por mulheres são a pílula e a esterilização feminina (PERPETUO; WONG, 2009).

Os anticoncepcionais hormonais (ACHs) são métodos aplicados tanto para prevenir uma gravidez indesejada quanto para controlar o ciclo menstrual. Eles atuam bloqueando a ovulação, podendo ocasionar alterações físico-químicas no endométrio e muco cervical (FERRARI; ANDRADE, 2015). Outros benefícios podem ser observados com o uso desses fármacos como: redução dos sintomas apresentados por algumas mulheres no início da menstruação, conhecido como Tensão Pré-Menstrual (TPM), diminuição das ocorrências de aparecimento de cistos e câncer nos ovários, endométrio e desordens mamárias (RANIERI, 2011).

Existem diversas apresentações dos métodos hormonais, tais como: injeção mensal ou trimestral, pílula de emergência, ou popularmente chamada de pílula do dia seguinte, implantes, adesivos cutâneos, dispositivo intrauterino (DIU), anticoncepcionais

orais combinados ou contendo apenas o progestágeno, conhecido como minipílula (PAZ; DITTERICH, 2009).

Apesar de sua eficácia e facilidade já terem sido definidas, os anticoncepcionais hormonais vêm sendo estudados desde sua inserção em 1960 sobre o que diz respeito acerca de seus efeitos colaterais relacionados ao risco de outras doenças (MITRE *et al.*, 2006). Esses efeitos são reações farmacológicas que não são referentes à principal ação do fármaco, e sim um efeito não almejado de um medicamento (ALMEIDA; ASSIS, 2017). Os efeitos colaterais mais frequentemente relatados pelas usuárias são: queda de cabelo, tonturas, náuseas, vômitos, aumento de peso, cefaleia, entre outros (BOUZAS *et al.*, 2004).

Na atualidade, o mercado disponibiliza vários métodos contraceptivos, sendo o anticoncepcional oral (ACO) o que apresenta maior aplicação. Este tem sua eficácia garantida se usado adequadamente, fator que depende unicamente do controle da própria mulher pois se faz necessário o uso em dias adequados e horários habituais para garantir a correta adaptação do organismo ao medicamento e que esse possa bloquear o ciclo menstrual de forma adequada. As mulheres que desejam iniciar a contracepção hormonal pela primeira vez devem iniciar no primeiro dia do ciclo menstrual com o intuito de garantir que não ocorra a ovulação (SILVA, 2006; DUNCAN *et al.*, 2013).

O uso errôneo acarreta uma estimativa de oito gestações para cada 100 usuárias por ano, podendo a taxa ser reduzida em menos de uma gravidez para 100 mulheres/ano quando o uso ocorre de forma adequada (SOUZA; LIMA, 2015). Além de terem relação diretamente com a falha do método, o uso de forma inadequada dos anticoncepcionais também é apontado como um fator relevante para o aparecimento dos efeitos colaterais, fazendo com que muitas mulheres interrompam seu uso (AMERICO *et al.*, 2013).

Os ACOs são divididos em duas principais classes; a pílula combinada, que é composta por dois hormônios sintéticos sexuais femininos (estrógeno e progesterona) e a minipílula, contendo apenas a progesterona (RANG; DALE, 2007). No caso da pílula combinada, a administração deve ser feita no decorrer de 21 dias seguidos, com intervalos de 7 dias sem a administração do medicamento entre uma cartela e outra (RANG; DALE, 2001).

Quando ocorrer esquecimento da ingestão de uma pílula, a mulher deverá tomá-la o mais breve possível, de preferência não ultrapassando o limite máximo de até doze horas do horário usual. Se esse tempo for superior, a ingestão da pílula atrasada deverá ocorrer mesmo assim e a cartela deverá ser continuada. Todavia, é indicado o uso de um

método complementar (como o preservativo) e aconselha-se buscar orientações com o médico (MARINHO; AQUINO; ALMEIDA, 2009).

Um ponto importante que se deve lembrar é que o uso de ACO contendo em sua formulação estrogênio e a progesterona possibilita as chances do desenvolvimento da trombose devido ao fato que esses hormônios podem prejudicar o processo da coagulação do sangue. Em mulheres com histórico familiar de trombose e problemas circulatórios, o uso é contraindicado por terem maiores chances de ocorrer trombos e/ou acidente vasculares cerebrais. Outras doenças e problemas de saúde podem ter complicações com o uso da pílula como: diabetes, insuficiência renal, enxaqueca, câncer de mama, de ovário e endométrio, entre outras (VIKTOR, 2007).

O risco para o desenvolvimento da Trombose Venosa Profunda (TVP) está diretamente relacionado com as concentrações de estrógeno nas formulações dos ACO, motivo esse pelo qual os anticoncepcionais modernos estão sendo desenvolvidos com menores concentrações desse composto (PICCINATO, 2008).

Vendo a importância dos ACHs na saúde da mulher, se fez necessário o estudo dos métodos contraceptivos disponíveis, para que assim, ela possa escolher o mais apropriado e que se adeque às suas necessidades e particularidades. Nesse contexto, surge o farmacêutico como o profissional de saúde que tem o devido conhecimento sobre a farmacologia, com o papel de avaliar e orientar sobre o uso correto do medicamento, visando garantir que a paciente use o fármaco de forma racional (RANIERI, 2011).

O presente trabalho teve como objetivo avaliar o conhecimento das mulheres a respeito do uso correto dos anticoncepcionais hormonais em uma farmácia comunitária do município de Jaguaruana-Ce, também averiguando os dados sociodemográficos, assim como as indicações, contraindicações e escolha do método.

## 2. MÉTODO

Tratou-se de uma análise do tipo descritiva, transversal e observacional com uma abordagem quantitativa (FILHO *et al.*, 2023). A pesquisa foi realizada em uma farmácia comunitária privada no município de Jaguaruana-Ceará, que atende a população do município, de diversas classes sociais, com níveis de escolaridade e faixa etárias diversificadas.

A amostra foi composta por mulheres com idade entre 18 e 55 anos, que faziam uso dos anticoncepcionais hormonais tanto para prevenção da concepção como das que

utilizavam em tratamento para algum problema de saúde, como por exemplo, no tratamento de micropolicistas, acne, regulação da menstruação, dentre outros.

Foram abordadas no total 93 pacientes e destas, apenas 60 participaram do estudo. As 33 pacientes não analisadas equivaleram a uma classe de indivíduos que não estavam fazendo uso do medicamento no momento da pesquisa ou estavam comprando o ACH pela primeira vez, bem como aquelas que se negaram a participar da pesquisa ou não souberam responder o questionário de forma satisfatória a sua posterior análise, se enquadrando, portanto nos critérios de exclusão.

As abordagens ocorreram no momento da compra de medicamentos. A princípio, foram apresentadas as informações do trabalho e na sequência foi feito um convite a quem concordasse em participar. As mulheres que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e logo após foram submetidas a uma entrevista através de um questionário específico que ocorreu em um único momento, ou seja, em um único contato com o cliente/paciente.

O questionário foi composto por perguntas objetivas e subjetivas elaboradas pelo pesquisador, onde inicialmente eram respondidas perguntas sociodemográficas como: idade, escolaridade e renda familiar, seguidas de perguntas específicas sobre o tema em questão abordado, tais como: conhecimento do uso correto dos anticoncepcionais hormonais, indicações, contraindicações, entre outras.

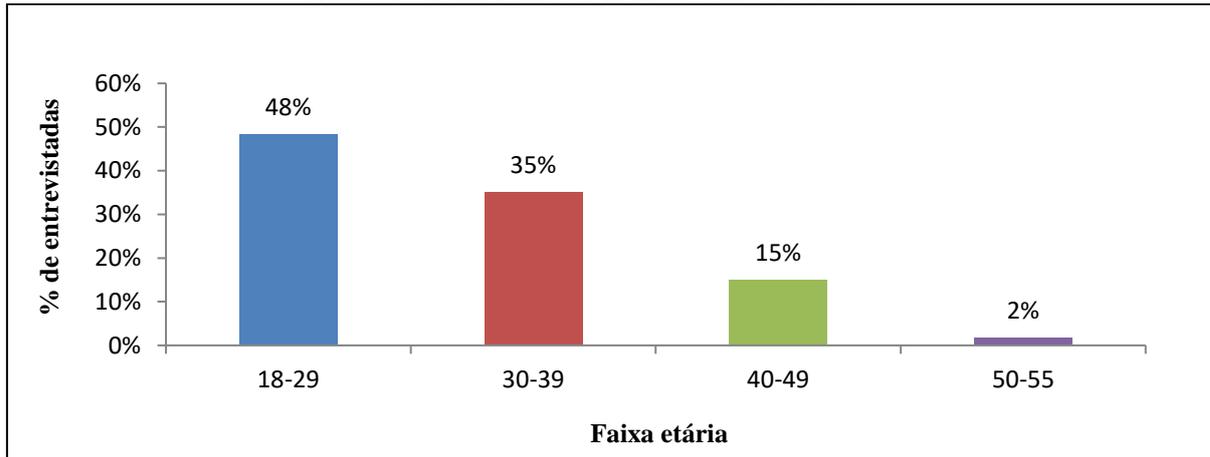
Depois de serem feitas as organizações dos dados e o cruzamento das informações relevantes, realizou-se a análise estatística de frequência e percentual por meio do software Excel® versão 2010. Tendo os resultados exibidos através de tabelas e gráficos.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil, atendendo às recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe das diretrizes e normas da pesquisa em seres humanos, e outorgada com parecer de nº 3.530.238.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Das 60 entrevistadas, sobre o critério de idade, houve uma maior prevalência do uso dos ACH em mulheres entre 18 e 29 anos, no total de 29, correspondendo 48%. O grupo de mulheres na faixa etária entre 50 a 55 anos, teve um percentual menor, 1 no total, representando 2%, sendo possível observar a relação entre a redução desse percentual com o aumento da idade, como observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Faixa etária das mulheres entrevistadas.

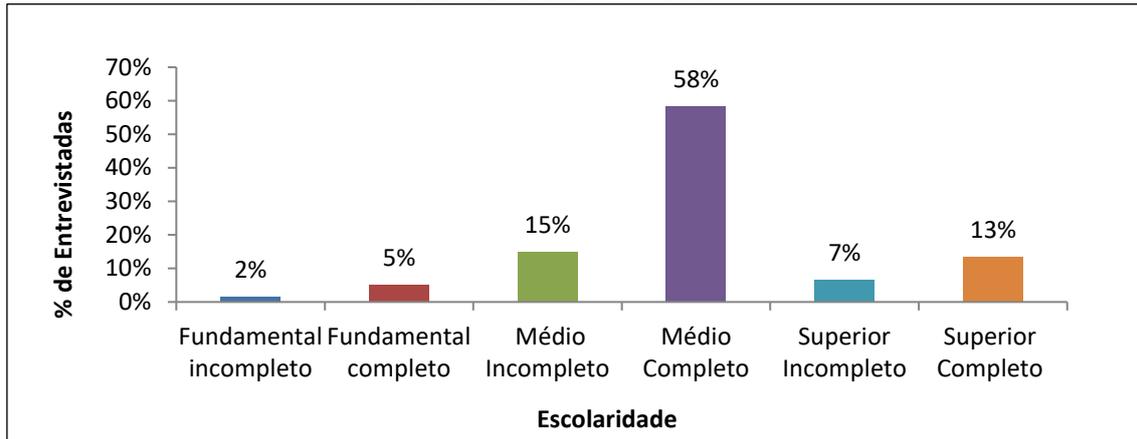


Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

No Brasil, aproximadamente 76% das mulheres que convivem com parceiros ou possuem vida sexual ativa utilizam algum método contraceptivo. Índice semelhante pode ser visto em países desenvolvidos (TAVARES; LEITE & TELLES, 2007). Em um estudo realizado por Fonseca; Gomes e Barreto, (2015) no município de São José do Calçado – ES, 67% das mulheres que faziam uso de anticoncepcionais tinham idade entre 18 e 45 anos, podendo serem vistas grandes similaridades com os resultados observados na pesquisa realizada em Jaguaruana. Esses resultados podem ser justificados devido ser essa a faixa etária em que a mulher está mais propícia a uma gestação, ou seja, em que ela se encontra em idade reprodutiva. Já a redução do uso pode ser explicada por ser essa ser a fase em que a mulher já está entrando na fase do climatério ou que já tem conhecimento sobre os fatores de riscos da idade, optando pelo não uso ou por outros métodos não hormonais.

Em relação à escolaridade, observou-se um maior predomínio entre as mulheres com nível médio completo, sendo 35 no total, o equivalente a 85% das entrevistadas. Tendo o nível fundamental incompleto é o menor índice, 1 pessoa ou 2% (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Perfil da escolaridade.

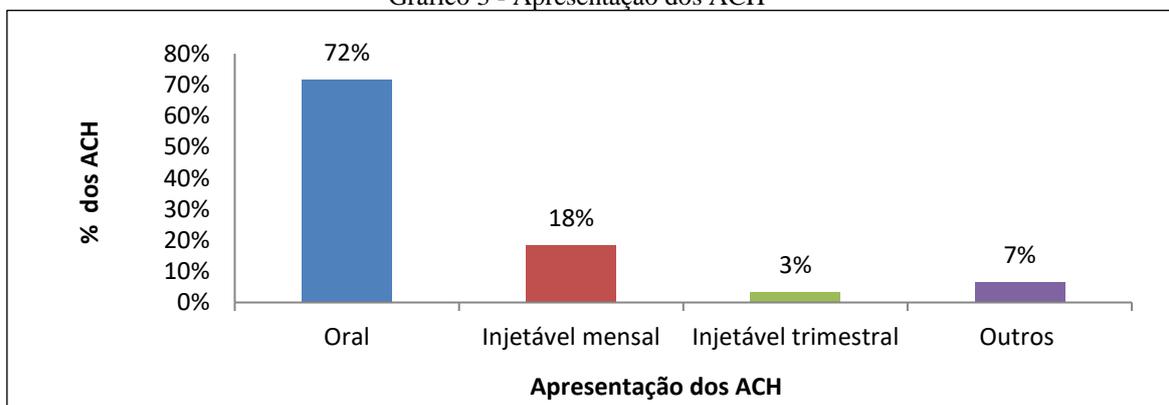


Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na pesquisa de Sousa *et al.*, (2016), com mulheres em idade fértil de uma Unidade Básica de Saúde no município de Patos, quanto à escolaridade, 50% das mulheres que faziam uso de ACH tinham ensino médio completo, dados que se correlacionam com a presente pesquisa. Apesar do nível de escolaridade e o acesso as informação terem impacto positivo sobre o uso dos ACH, esses não devem ser vistos como fatores absolutos para a sua utilização, visto que os dados da pesquisa feita em Jaguaruana se tratam de um estudo feito em uma farmácia do setor privado, não justificando, portanto, que as mulheres de menor escolaridade não fazem uso do método, mas que essas provavelmente possam estar usando o Sistema Único de Saúde (SUS), o qual fornece em seu programa de saúde integral da mulher algumas formas de anticoncepção, entre elas os ACHs (BRASIL, 2008).

No que diz respeito à escolha dos ACHs, os de uso oral tiveram maior índice, com 43 (72%) no total, seguidos dos injetáveis mensais, 11 (18%), outros métodos 4 (7%) e o menor índice com injetável trimestral, 2 (3%) (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Apresentação dos ACH



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Embora existam diversos métodos contraceptivos disponíveis no mercado, os anticoncepcionais orais (ACOs) são os métodos reversíveis com maior eficácia comprovada, assim como também os que têm maior aplicabilidade em todo mundo, com exceção da China, que tem como escolha o uso do Dispositivo Intrauterino (DIU) (BAHAMONDES *et al.*, 2011). Em um estudo conduzido por Fonseca, Gomes e Barreto (2015), 53% das mulheres faziam uso de anticoncepcionais hormonais orais, dados que condizem com os resultados obtidos no presente estudo e que demonstra a preferência das mulheres por esse método.

O profissional de saúde que mais foi citado em relação à indicação do uso foi o enfermeiro, 23 (38%), e grande parte das mulheres, 41 (68%), afirmou ter recebido orientação sobre o uso correto. Teve prevalência aquelas que justificaram o uso como forma de contracepção, 49 (81%) e 21 (53%) faziam uso do método há mais de 5 anos.

Tabela 1- Caracterização do uso dos Anticoncepcionais Hormonais em uma farmácia comercial em Jaguaruana - Ce em 2019.

Caracterização	Variáveis	Nº	%
<b>Indicação</b>	Enfermeira	23	38%
	Médico	22	37%
	Vizinho/Amigo	01	2%
	Familiar	01	2%
	Automedicação	13	22%
<b>Recebeu orientação de algum profissional sobre esse método?</b>	Sim	41	68%
	Não	19	32%
<b>Qual profissional?</b>	Médico	23	56%
	Enfermeira	18	44%
<b>Qual finalidade do uso?</b>	Contracepção	49	81%
	Regular Ciclo menstrual	05	8%
	Trat. p/ Cistos	04	7%
	Acne	01	2%
	Outros	01	2%
<b>Tempo de uso do método</b>	< de 1 ano	15	25%

---

≥ de 1 ano	06	10%
Entre 2 e 5 anos	18	30%
> de 5 anos	21	35%

---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Apesar do número de prescrição entre o enfermeiro e o médico não ter apresentado diferença relevante, os dados deixaram evidente a participação direta do profissional de enfermagem quanto à indicação dos ACHs. Esta atuação pode ser justificada por ser esse um dos profissionais que fazem parte da equipe multidisciplinar que atuam no Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), contribuindo diretamente no auxílio à sua saúde (Ministério da Saúde, 2009).

Em relação às mulheres que receberam orientação sobre o uso do método, 23 (56%) mencionaram o médico e 18 (44%) disseram ter sido a enfermeira. Um achado interessante é que apesar dos enfermeiros terem tido grande influência quanto à indicação do anticoncepcional, nem todos fizeram a orientação devida quanto a sua utilização. Desta forma, fica demonstrada a necessidade de que o enfermeiro como componente da equipe multidisciplinar desenvolva dentre suas práticas trabalhos voltados para o esclarecimento do uso racional destes medicamentos, para que assim exerçam de forma consciente e segura suas principais atividades (DOMBROWSKI; PONTES; ASSIS, 2013).

Muito embora os anticoncepcionais hormonais apresentem outras finalidades de uso além da contracepção, não são esses os principais motivos pelos quais a maioria das mulheres fazem o seu uso. No estudo de Steckert, Nunes e Alano (2016) com mulheres de uma instituição de ensino superior do sul do estado de Santa Catarina, grande parte das mulheres mencionou utilizá-lo como forma de contracepção. Esses dados são semelhantes aos da presente pesquisa, evidenciando, desta forma, a principal aplicação dos ACH.

Quanto ao tempo de uso dos ACHs, Sousa *et al.*, (2014), mencionam em sua pesquisa que grande parte das mulheres fazem uso do método há mais de cinco anos, sendo semelhante aos dados encontrados neste estudo. Esses dados geram um alerta muito importante, visto que o uso de ACHs por tempo prolongado está relacionado com aumento de efeitos adversos. Dentre esses, destaca-se o tromboembolismo, que é associado ao uso dos anticoncepcionais orais, principalmente os de terceira geração (WANNMACHER, 2003).

Quando questionado sobre o uso do método regularmente, a maioria, 37 (62%), informou utilizar o ACH entre o 5º e 8º dia da menstruação, fazendo uso sempre no mesmo horário e, em caso de esquecimento, disse tomar assim que se lembrava. Sobre o conhecimento dos benefícios do método, os números de respostas foram: 50 (83%) disseram servir para contracepção, seguidos de tratamentos para cistos com 17 (28%), regular ciclo menstrual 16 (27%) e apenas 4 (7%) conhecia o uso para acne. Já em relação às contraindicações, a maioria, 41 (68%), não soube responder (Tabela 2).

Tabela 2 - Conhecimento das mulheres em relação ao uso dos ACH

Caracterização	Variáveis	Nº	%
<b>Uso do método regularmente</b>	1º dia da menstruação	6	10%
	Entre o 5º e 8º/menstruação	37	62%
	4º dia/menstruação	4	7%
	A cada 30 dias	6	10%
	A cada 90 dias	2	3%
	Contínuo	5	8%
<b>Faz uso regular sempre no mesmo horário?</b>	Sim	37	62%
	Não	14	23%
	Às vezes	5	8%
	Não se aplica	4	7%
<b>O que faz quando se esquece de tomar no dia correto?</b>	Toma assim que lembra	37	62%
	Suspende o AC e usa método de barreira	1	2%
	Suspende o AC, espera a menstruação vir e começa outra cartela.	1	2%
	Toma normalmente o AC independente de quantos dias esqueceu	7	12%
	Procura orientação do profissional	0	0%
	Não sabe/não se aplica	5	8%
	Nunca esquece	9	15%
	Contracepção	50	83%
	Tratamento p/ cistos	17	28%
	Redução dos sintomas da TPM	4	7%

<b>Benefícios dos ACH</b>	Acne	13	22%
	Regular ciclo menstrual	16	27%
	Evitar DST	0	0%
<b>Contraindicações do uso dos ACH</b>	Diabéticos	7	12%
	Problemas de circulação	8	13%
	Hipertensão	9	15%
	Câncer de mama	4	7%
	Fumantes	2	3%
	Doenças hepáticas	3	5%
	Não sabe	41	68%

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Em se tratando da eficácia do anticoncepcional oral (ACO), para que esta seja garantida, algumas medidas devem ser tomadas em relação a sua administração, entre elas: o uso da cartela em dias adequados, bem como sua ingestão sempre no mesmo horário. Fatores esses que estão relacionados ao próprio controle das usuárias (SOUZA, 2015).

Ainda que os resultados encontrados neste estudo tenham evidenciado que a maioria das mulheres faz uso do anticoncepcional da forma correta, um número considerado relevante 14 (23%) ainda não utilizava regularmente no mesmo horário. Em relação ao conhecimento dos benefícios e contraindicações do método, o presente estudo corrobora com os resultados encontrados na pesquisa de SOUSA *et al.*, 2016, em que a maioria também informou conhecer como benefício o uso para evitar a gravidez e não conhecia as contraindicações do método.

O não conhecimento das mulheres a respeito das contraindicações dos ACO é algo preocupante, visto que quando são usados frente a algumas circunstâncias, podem causar graves danos à saúde da mulher, dentre eles o aumento de problemas como Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) ou Acidente Vascular Encefálico (AVE), causado pela hipertensão arterial. Outras situações em que o uso dos ACHO é contraindicado são: tabagismo em mulheres a partir dos 35 anos, enxaquecas com aura, diabetes mellitus, tromboembolismo, dentre outros (GROSSMAN *et al.*, 2011).

Outra preocupação em relação aos ACO envolve o uso da pílula de emergência, conhecida popularmente como pílula do dia seguinte (PDS). Quando questionado quanto ao uso da pílula de emergência, 24 (40%) mencionaram já ter utilizado pelo menos uma

vez, enquanto 36 (60%) nunca recorreram a esse método. No que diz respeito ao tempo máximo indicado para obter maior eficácia da pílula, 14 (23%) responderam até 24hrs, 11 (18%) até 72hrs e 30 (50%) não souberam responder. Em relação ao conhecimento sobre as contraindicações do método, foram obtidas as seguintes respostas: 10 (17%) disseram ser contraindicada em caso de gravidez confirmada ou suspeita, 3 (5%) citaram a contraindicação para pacientes com doenças hepáticas, 1 (2%) respondeu que adolescentes não deveriam fazer uso deste método e 49 (82%) não souberam responder.

Tabela 3- Uso e conhecimento das mulheres em relação à pílula do dia seguinte

Caracterização	Variáveis	Nº	%
<b>Já fez uso da PDS?</b>	Sim	24	40%
	Não	36	60%
<b>Tempo máximo indicado para uso da PDS</b>	Até 12 hrs	4	7%
	Até 24 hrs	14	23%
	Até 48 hrs	1	2%
	Até 72 hrs	11	18%
	Até 5 dias	0	0%
	Não sabe	30	50%
	<b>Contraindicação da PDS</b>	Adolescentes	1
Doenças hepáticas		3	5%
Gravidez confirmada/suspeita		10	17%
Não tem contraindicação		0	0%
Não sabe		49	82%

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Em relação à PDS, a literatura apresenta algumas controversas quanto ao tempo máximo indicado para sua utilização. Alguns estudos mencionam o tempo máximo de 72 horas, enquanto outros apontam sua eficácia em até 120 horas, porém, ambos entram em concordância de que quanto mais precocemente for utilizado maior será sua eficácia, podendo evitar em até 99% uma gravidez não desejada (BRASIL, 2006; VIEIRA *et al.*, 2006).

Os resultados encontrados nesta pesquisa revelaram a falta de conhecimento das mulheres a respeito dessa informação. Muito embora quanto mais antecipado for o uso da PDS após a relação desprotegida, maior seja a sua eficácia, devemos levar em

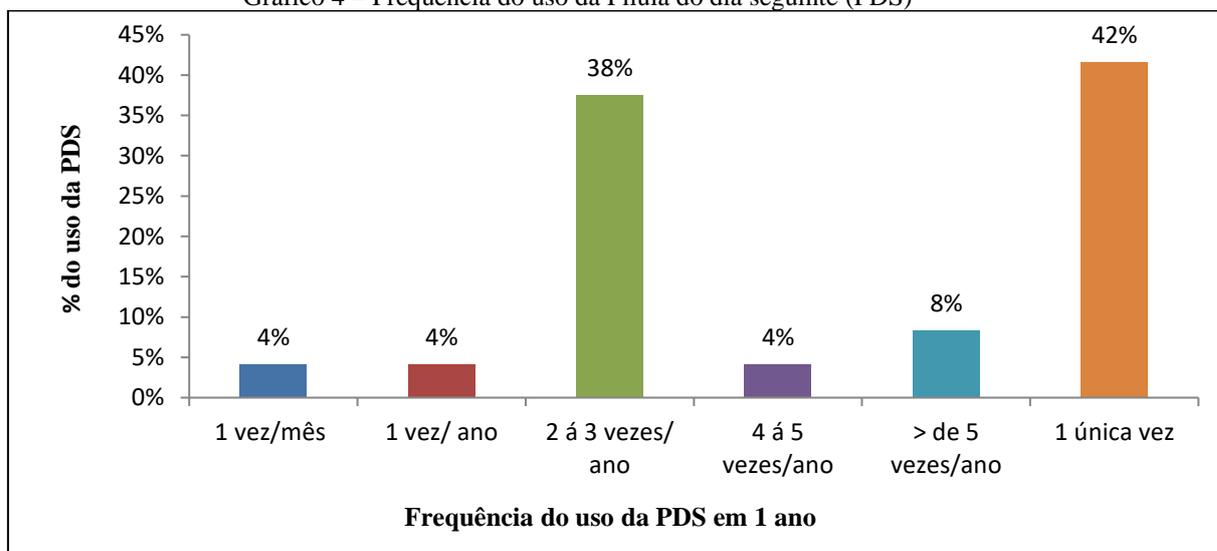
consideração o fato de que essas mulheres podem estar deixando de fazer o uso da pílula devido o não conhecimento sobre o tempo máximo que pode ser utilizada. Essa falta de conhecimento pode justificar, portanto, a ocorrência de três participantes no momento da pesquisa terem mencionado gravidez mesmo após o uso da pílula de emergência, episódio esse que pode estar relacionado à forma incorreta do uso do método (BORGES, *et al* 2010).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta a gravidez confirmada como a única contraindicação do uso da PDS, sendo, portanto seguro em qualquer outra situação, até mesmo aquelas que apresentam alguma patologia que possa haver risco com o uso de anticoncepcionais hormonais combinados. Todavia, recomenda-se cautela nesses casos (BRASIL, 2010). As bulas de PDS alertam para outras contraindicações de seu uso, como sangramento vaginal que não apresente uma causa conhecida ou quando a mulher manifestar alguma sensibilidade aos compostos da formulação.

Os dados obtidos na presente pesquisa em relação às contraindicações das PDS são algo preocupante, visto que um número muito elevado de mulheres 49 (82%) afirmou não conhecer as contraindicações, podendo estar fazendo uso do método de forma inadequada, o que pode ocasionar problema de saúde em decorrência disto.

Quando abordada a questão da frequência do uso da PDS no período de um ano, os resultados foram os seguintes: 1 (4%) disseram ter feito uso 1 vez/mês, 1 (4%) 1 vez/ano, 1 (4%) 4 à 5 vezes/ano, 2 (8%) > de 5 vezes/ano, 9 (38%) 2 à 3 vezes/ano e 10 (42%) usou uma única vez na vida.

Gráfico 4 – Frequência do uso da Pílula do dia seguinte (PDS)



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Em um estudo feito por Brambilla, Riechel e Amadei (2016) com universitárias da área da saúde no município de Maringá – Paraná, as entrevistadas relataram já terem feito entre uma ou mais vezes em algum momento de sua vida o uso da PDS. Esses dados se relacionam com os achados de Bastos *et al.* (2008), em seu estudo feito com jovens universitárias da área de enfermagem, no município de São Paulo, em que das 44,9% das mulheres que fizeram uso da PDS, metade delas tornaram a utilizá-la novamente.

Os resultados dos autores citados anteriormente correlacionam com a presente pesquisa, em que a maioria das participantes 14 (58%) já repetiu o uso. A preocupação em relação ao uso repetido do método se dá pelo fato de que as PDS não devem ser usadas rotineiramente, pois sua utilização de forma contínua pode ocasionar efeito antagônico, ou seja, ao invés de agir como contraceptivo, ele favoreça a gravidez, devido possível descontrole do ciclo menstrual (SCHMITZ *et al.*, 2014).

Em relação ao uso da PDS, é esperado que as mulheres adquiram conhecimento sobre a forma correta do uso, ou seja, que este ocorra apenas em situações em que a pílula está indicada, como por exemplo, em casos que houver rompimento do método de barreira (preservativo), esquecimento da pílula anticoncepcional de rotina, entre outras (PAIVA, 2012).

#### 4. CONCLUSÃO

De acordo com o estudo realizado em Jaguaruana com relação ao uso dos Anticoncepcionais Hormonais, observou-se que:

- ✓ A maioria das mulheres tinha idade entre 18 e 29 anos e com nível médio completo;
- ✓ As mulheres tinham preferência pelo uso dos anticoncepcionais orais;
- ✓ O enfermeiro foi o profissional mais citado em relação à indicação dos anticoncepcionais. Grande parte das mulheres declarou ter recebido orientação do uso e afirmaram fazê-lo para a contracepção, com o tempo superior a 5 anos;
- ✓ A maioria usava o método entre o 5º e 8º dia, sempre no mesmo horário. Apontou como benefício o uso para contracepção e não conhecem as contraindicações;
- ✓ As mulheres, em sua maioria, nunca usaram a pílula do dia seguinte e não conheciam o tempo máximo de eficácia e suas contraindicações;
- ✓ Das mulheres que fizeram uso da pílula do dia seguinte, a maioria declarou ter utilizado apenas uma vez.

Desta forma, através dos resultados encontrados no estudo, ficou evidente a falta de conhecimento das mulheres a respeito do uso correto dos anticoncepcionais hormonais. Assim, foi observada a necessidade do cuidado farmacêutico na atenção as usuárias de ACH, buscando esclarecer dúvidas a respeito do uso correto do medicamento, identificar possíveis reações adversas, bem como avaliar os riscos e contraindicações dele, garantindo assim o uso racional do medicamento e maior eficácia do método.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. F.; ASSIS, M. M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde** 2017; 5(5): 85-93.<<http://atualizarevista.com.br/wp-content/uploads/2017/01/efeitos-colaterais-e-altera%C3%A7%C3%B5es-fisiol%C3%B3gicas-relacionadas-ao-uso-cont%C3%ADnuo-de-anticoncepcionais-hormonais-orais-v-5-n-5.pdf>> Acesso em 10 de mar. de 2019

AMERICO, C. F., et al. Conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado de baixa dose sobre o método: **Rev. Latino-Am. Enfermagem** 21(4):[07 telas]; jul-ago.2013 Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n4/pt\\_0104-1169-rlae-21-04-0928.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n4/pt_0104-1169-rlae-21-04-0928.pdf)>. Acesso em 10 de mar. de 2019.

BAHAMONDES, L., et al. Fatores associados à descontinuação do uso de anticoncepcionais orais combinados. **Revista Brasileira de Ginecologia Obstetrícia**. v.33, n.4, p. 303-309, 2011 .Disponível em: <[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/10330/art\\_PINHO\\_Fatores\\_associados\\_a\\_descontinuacao\\_do\\_uso\\_de\\_2011.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/10330/art_PINHO_Fatores_associados_a_descontinuacao_do_uso_de_2011.pdf?sequence=1)>.Acesso em 04 de maio de 2019.

BASTOS, M. R.; BORGES, A. L. V.; HOGA, L. A. K.; FERNANDES, M. P.; CONTIN, M. V. Práticas contraceptivas entre jovens universitárias: o uso da anticoncepção de emergência. **Texto&Contexto Enferm.** jul/set, 2008; 17(3): 447-56. Disponível em:<[https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3793/art\\_BORGES\\_Praticas\\_contraceptivas\\_entre\\_jovens\\_universitarias\\_o\\_uso\\_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3793/art_BORGES_Praticas_contraceptivas_entre_jovens_universitarias_o_uso_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>.Acesso em 04 de nov. de 2019.

BORGES, A. L. V., et al. Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro , Vol. 26. nº 4. abr. 2010. Disponível em:<[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3831/art\\_BORGES\\_Praticas\\_contraceptivas\\_entre\\_jovens\\_universitarios\\_o\\_uso\\_2010.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3831/art_BORGES_Praticas_contraceptivas_entre_jovens_universitarios_o_uso_2010.pdf?sequence=1)>.Acesso em 05 de out. de 2019.

BOUZAS, I.; PACHECO, A.; EISENTEIN, E. Orientação dos principais contraceptivos durante a adolescência. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.27-33, 2004. Disponível em: <<http://www.adolescenciaesaude.com/detalheartigo.asp?id=218>>.Acesso em 20 de fev. de 2019.

BRAMBILLA, A.; RIECHEL, T.; AMADEI, J. L. Contracepção de emergência e universitárias da área da saúde. **Revista de Saúde e Educação - SUSTINERE**, v. 4, n. 2, p. 253-264, 2016. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/artic le/download/25018/19518>>.Acesso em 30 de out. de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em:<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos\\_sexuais\\_reprodutivos\\_metodos\\_anticoncepcionais.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf)>. Acesso em 02 de nov. de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília (DF): Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas; Ministério da Saúde; 2009. 82 p. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nac\\_atencao\\_mulher.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf)>. Acesso em 02 de nov de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Anticoncepção de emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde 2010. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno3\\_saude\\_mulher.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno3_saude_mulher.pdf)>. Acesso em 05 de out. de 2019.

DOMBROWSKI, J. G.; PONTES, J. A.; ASSIS, W. A. L. M. Desempenho de enfermeiros na prescrição de contraceptivos hormonais na rede básica de saúde. **Rev Bras Enferm** 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n6/03.pdf> Português>. Acesso em 02 de set. de 2019.

DUNCAN, B.; SCHMIDT, M. I.; GIUGLIANI, E. R. J. **Medicina Ambulatorial: Condutas de Atenção Primária Baseadas em Evidências**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2013. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/pesquisa/simples/Medicina%20ambulatorial:%20condutas%20de%20aten%C3%A7%C3%A3o%20prim%C3%A1ria%20baseadas%20em%20evid%C3%Aancias/1030>>. Acesso em 12 de mar. de 2019.

FILHO, José Damião da Silva; SILVA, Francisco Wanderlei de Lima; MELO, Anielle Tor-res; PINHO, Lucimary Leite de; SOUSA, Rosângela Lima, RAMALHO, Ane Kelly Lima; LEITE, Ana Caroline Rocha de Melo; ELIAS, Darcielle Bruna Dias; NUNES, Rodolfo de Melo. O impacto da pandemia da covid-19 na saúde mental de estudantes universitários. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v.27, n.2, p.574-592, 2023. <http://dx.doi.org/10.25110/arqsaude.v27i2.2023-003>.

FERRARI, D. N.; ANDRADE, T. C. S. Efeitos do uso de Contraceptivos Hormonais em Mulheres. **Centro Universitário de Brasília**, Brasília-DF, 2015. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/1b70/e53f00e2f3ce976f7e5ac6dbeceacc814f30.pdf>>. Acesso em 11 de mar. de 2019.

FONSECA, A. C. N.; GOMES, A. T.; BARRETO, J. G. Distribuição de anticoncepcionais em uma farmácia básica no município de São José do Calçado ES. **Acta Biomedica Brasiliensia**, São José do Calçado – ES, v.6, n.1, p.01-20, Julho de 2015. Disponível em: <<http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2017/10/17302.pdf>>. Acesso em 23 de ago. de 2019.

GROSSMAN, D.; WHITE, K.; HOPKINS, K.; AMASTAE, J.; SHEDLIN, M.; POTTER, J. E.. Contraindications to combined oral contraceptives among over-the-counter compared with prescription users. **Obstet Gynecol**. 2011;117(3):558-65. DOI:10.1097/AOG.0b013e31820b0244. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21343758>>. Acesso em 05 de out. de 2019.

MARINHO, L. F. B.; AQUINHO, E. M. L.; ALMEIDA, M. C. C. **Contraceptive practices and sexual initiation among young people in three Brazilian State capitals.** *Cad. Saúde Pública*, v. 5, n. 2, p. 227-239, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009001400005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009001400005)>cesso em 20 de fev. de 2019.

MITRE, E. I., et al. Avaliações audiométrica e vestibular em mulheres que utilizam o método contraceptivo hormonal oral. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia.** São Paulo, v. 72, n. 3, p. 350-354, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-72992006000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992006000300009)>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

PAIVA, S. P. P.; BRANDAO, E. R. Contraceção de emergência no contexto das farmácias: revisão crítica de literatura. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p. 17-34, 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/physis/v22n1/v22n1a02.pdf>>. Acesso em 01 de nov. de 2019.

PAZ, E. C. M.; DITTERICH, R.G. O conhecimento das mulheres sobre os métodos contraceptivos no planejamento familiar. **Revista Gestão & Saúde.** Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2009. Disponível em:<<http://www.herrero.com.br/files/revista/file3fe203d363e8f0e7e07358ddaa3e4596.pdf>>. Acesso em 12 de mar. de 2019.

PERPÉTUO, I. H. O.; WONG, L. L. R. Desigualdade socioeconômica na utilização de métodos anticoncepcionais no Brasil: uma análise comparativa com base nas PNDS 1996 e 2006. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher - PNDS 2006:** dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança. Brasília, DF:Ministério da Saúde, 2009. p. 87-104. Disponível em:<[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnds\\_crianca\\_mulher.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnds_crianca_mulher.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2019

PICCINATO, C. E. Trombose venosa pós-operatória. Fundamentos em clínica cirúrgica, **Medicina**, Ribeirão Preto. v. 41, n. 4, p. 477-486, out./dez. 2008. Disponível em: <[http://revista.fmrp.usp.br/2008/VOL41N4/SI\\_MP\\_6Trombose\\_venosa\\_posoperatoria.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2008/VOL41N4/SI_MP_6Trombose_venosa_posoperatoria.pdf)>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

RANG, H. P.; DALE, M.M.; RITTER, J.M. **Farmacologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

RANG, H. P.; DALE, M.M.; RITTER, J.M.; FLOWER, R.J. **Farmacologia.** 2º Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

RANIERI, C. M. **Atenção farmacêutica no uso de métodos contraceptivos,** Monografia (Pós-graduação) do Centro Universitário Filadélfia de Londrina - UNIFIL, Londrina. 2011. Disponível em: <<http://web.unifil.br/pergamum/vinculos/000003/00003F7.pdf>>. Acesso em 19 de fev. de 2019.

SCHMITZ, A. C.; SECCO, M. B.; PINHEIRO, T. R.; CAMPOS, A. C.; ALMEIDA, H. Conhecimento De Adolescentes Acerca Da Contraceção De Emergência. **Catussaba – Revista Científica da Escola de Saúde.** n.1, 2013/2014. Disponível em:< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/25018>>. Acesso em 30 de out. de 2019.

SILVA, P. **Farmacologia**. 7<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006

SOUZA, G. G., et al. Conhecimento e uso de Anticoncepcionais Hormonais: O que é certo ou errado? **Revista Temas em Saúde**. v 16, n 4, p 208-211, 2016. Disponível em: <<http://temas.emsaude.com/wp-content/uploads/2017/01/16414.pdf>>. Acesso em 05 de out. de 2019.

SOUZA, L. K.; LIMA, F. T. R. **Interação Medicamentosa entre Anticoncepcionais Orais Hormonais combinados e antibióticos**. Centro Universitário de Brasília, Brasília-DF, 2015. Disponível em: <<http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/UNICA/article/view/57>>. Acesso em 11 de mar. de 2019.

SOUZA, R. Q. M., et.al. Avaliação do Conhecimento e da Prática Anticoncepcional de Universitárias de Enfermagem relacionando com o nível de formação. **Revista Panorâmica On-Line**, Barra do Garças - MT, v.17, p. 65 – 80, ago/dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/download/594/233>>. Acesso em 29 de set. de 2019.

STECKERT, A. P. P.; NUNES, S. F.; ALANO, G. M. **Contraceptivos hormonais orais: utilização e fatores de risco em universitárias**. Arquivos Catarinenses de Medicina. 2016; 45(1):78-92. Disponível em: <<http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/64>>. Acesso em 05 de out.de 2019.

TAVARES, L. S.; LEITE, I. C.; TELLES, F. S. P. Necessidade insatisfeita por métodos anticoncepcionais no Brasil. **Rev Bras Epidemiol**, v. 10, n.2, p. 139-48, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt\\_0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006176.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt_0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006176.pdf)>. Acesso em 02 de set.de 2019.

VIEIRA, L. M., et al. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant**, Recife, v. 6, n. 1, p. 135-40, jan./mar. Acesso em: <<https://dialnet.uni-rioja.es/descarga/articulo/5617710.pdf>>. Acesso em 05 de nov.de 2019.

VIKTOR, M. Pílula causa trombose? **Revista online Viva Saúde**, ed. 50, 2007. Disponível em: <<http://revistavivasaude.uol.com.br/edicoes/50/artigo54700-1.asp/>, 2007 >. Acesso em 10 de mar. de 2019.

WANNMACHER, L. **Anticoncepcionais Orais: o que há de novo**. OPAS: Brasília, 2003. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/HSE\\_URM\\_ANT\\_1203.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/HSE_URM_ANT_1203.pdf)>. Acesso em 27 de mar.de 2019.